

ORLANDA AMARÍLIS: IDENTIDADE E GÊNERO NA DIÁSPORA

Suely Alves de Carlos¹

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar a questão de identidade cultural em situação de diáspora sob a ótica de gênero. Para tanto se vale do conto “Desencanto” do livro Cais-do-Sodré te Salamansa, da escritora caboverdiana Orlanda Amarílis. É também pela análise desse mundo globalizado que impele milhões de pessoas a buscar alternativas que em suas regiões de origem não encontram que se percebe como a opressão masculina é imposta à protagonista no seu encontro com o homem europeu. É o caminho que este trabalho se propõe seguir na abordagem da questão da identidade cultural da mulher migrante, que traz em seu bojo as conflitantes relações entre indivíduos de realidades distintas.

Palavras-chave: identidade cultural e gênero

Resumé: L'article a comme but d'analyser La question d'identité culturelle de ceux qui sont en diaspora, dans le point de vue du genre. Pour cela on utilise du conte “Désenchantement” du livre Cais-do-Sodré te Salamansa, de l'écrivain **cap-vertienne Orlanda Amarílis**. C'est aussi pour l'analyse Du monde globalisé qui pousse des millions des gens qui cherchent des alternatives, qui en leur régions d'origines be peuvent pás trouver. L'analyse montre aussi que l'oppression masculine est imposée àq La protagoniste, vis-à-vis l'homme européen. C'est la voie que La recherche suit, em abordant La quéstion d'identité culturelle de La femme migrante, qui portent les rapports conflitants entre les personnes des réalités différentes.

Mots clé: identité culturelle e genre.

Primeiro nome feminino da literatura caboverdiana a ganhar destaque internacional, a escritora Orlanda Amarílis trouxe ao cenário literário o cotidiano da mulher, não apenas nas ilhas caboverdianas mas também, e com forte ênfase, o dia-a-dia daquelas que emigram para alguma da chamada “décima primeira ilha”, ou seja, qualquer destino que acolha esse povo em constante diáspora em função das adversidades que lhe são impostas pela natureza.

Oriunda de um movimento literário surgido nos anos de 1940, em Cabo Verde, que tinha como veículo de comunicação a revista *Certeza*, Orlanda Amarílis publicava textos que tinham por objetivo, além de denunciar as injustiças sociais, debater a literatura caboverdiana e sua legitimidade como representante de uma arte que não mimetizasse a da metrópole e que defendesse a igualdade de oportunidades para

¹ Mestre em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo – USP. Professora de Português no Instituto Teológico e Ensino Superior e na Faculdade de Tecnologia de São Paulo, email: suelyac@uol.com.br.

mulheres. Dessa forma, a obra ficcional de Orlanda Amarílis permite ao leitor apreender múltiplas camadas da história recente, fazendo alusão a atmosferas e temas que afetam a sociedade de Cabo Verde em momentos diversos, vistos sob ângulos de diferentes classes sociais e com diferentes graus de percepção.

Mas, se a literatura de Orlanda Amarílis enfoca mais as mulheres caboverdianas na diáspora, aquelas que ficam nas ilhas também recebem da escritora uma atenção especial. Trata-se, portanto, de uma autora que, numa posição que podemos entender como feminista, aborda a resistência da mulher crioula, dentro e fora do arquipélago.

Dessa forma, Amarílis se insere no rol de escritoras caboverdianas, e também africanas, que apresentam as mulheres no seu dia-a-dia, nos afazeres domésticos, seja como mães, seja como trabalhadoras nas diversas atividades em que atuam.

Segundo Sônia Maria Santos (SANTOS, 2009):

Vemos, portanto, a experiência social feminina inseparável do cotidiano, visto que as ações dos indivíduos são objetivações dos sujeitos ativos que formam as moléculas do corpo social, sendo possível, a partir da célula familiar, observar as interações entre o espaço público e o privado, mobilizar transformações ocasionadas pela informalidade dos comportamentos e de conceitos não estandardizados. Portanto, subvertendo a ordem de antigos moldes, a experiência diária reforça o jogo da vida ao incorporar em suas práticas o acervo da resistência construída no árduo terreno da insubmissão, tornando-o um lugar propício para a invenção da própria vida plasmada pela tradição, fato que transforma o discurso, na medida em que a resistência a esse lugar subordinado constrói novas relações.

Se não podemos afirmar que as mulheres orlandinas se encaixam no conceito etimológico de rebeldia (rebelião, revolta), fazem-no de forma figurada (oposição, resistência). Resistência das que ficam, rebeldia das que emigram, alçando um, ainda que limitado, vôo libertário.

Portanto, a ficção literária de Orlanda Amarílis proporciona a visão de uma ampla galeria de mulheres, solitárias sim, mas subversoras da ordem de antigos modelos que as pretendiam submissas, ainda que essa subversão se efetue paulatinamente, num processo oposto ao das revoluções, porém, talvez, exatamente por isso, contínua e irreversível. Seja na resistência miúda do cotidiano, seja por meio

da emigração que lhes permite uma transformação mais evidente, as mulheres caboverdianas tomaram a rédea de suas vidas.

Um exemplo dessa aludida transformação aparece no conto “Desencanto”, assim como em outros do livro *Cais-do-Sodré te Salamansa*, em que Orlanda Amarílis aborda a temática da diáspora e da identidade cultural, e sua consequente exclusão social, sempre sob uma perspectiva de gênero. O conto, cuja protagonista é uma migrante caboverdiana que mora na linha Lisboa/Cascais e viaja até o Cais-do-Sodré onde deverá apanhar o barco que a levará ao outro lado do Tejo para trabalhar, ilustra como Orlanda percebe a diáspora caboverdiana.

A jovem caboverdiana que corre apressada pelos trens de Lisboa não se encontra em um lugar mítico de felicidade, mas em uma cidade real, a antiga metrópole, que representa apenas a possibilidade de encontrar um mercado de trabalho que a aceite. A caboverdiana Orlanda Amarílis sabe que aos jovens migrantes está destinada a exclusão social.

Os jovens que chegam cheios de projetos, sonhando com possibilidades de inclusão num mercado de trabalho já mais estruturado dentro do sistema capitalista, em países receptores de mão de obra migrante que se encontram entre as grandes economias do mundo (excetuando-se Portugal), acabam empurrados por todos os lados, desprezados e marginalizados, vivendo nas periferias das metrópoles.

Este fenômeno se atesta com a mulher caboverdiana personificada no conto *Desencanto*. O único contato que a personagem-narradora tem com o mundo exterior é um mecânico e impessoal: “Bom dia. Passou bem”? (Des. p. 57)². As várias repetições do cumprimento poderiam sugerir que a jovem tem muitas amizades, mas, ao contrário, a gentileza vazia apenas atesta que ninguém se importa com sua vida, seu passado, e, na pressa cotidiana da grande metrópole, tenta se misturar e se encontrar na multidão anônima. Na sociedade moderna, impessoal, a dificuldade das relações aparece no relato da mulher: “Os outros vêm-na com indiferença” (Des. p. 61). de mais uma dentre as milhares de pessoas que circulam pelas ruas, esbarrando-se sem, contudo, estabelecerem contato.

Desnecessário se faz dizer que à mulher imigrante estão destinados os trabalhos menos qualificados, não somente pela própria condição como também por

² Será usada a abreviatura *Des* para citação do conto *Desencanto*.

sua pouca qualificação para desempenhar tarefas tidas como intelectualizadas. A baixa remuneração, portanto, levará a personagem a residir nas regiões periféricas de Lisboa, onde o custo da sobrevivência é menor, o que lhe permite enviar parte do seu ganho a Cabo Verde. Não se pode esquecer que, do montante do capital que circula nas ilhas, a maior parte provém dos caboverdianos que vivem no exterior.

Embora a não nomeada jovem caboverdiana não faça qualquer menção à vida familiar ou a amigos em sua terra natal, não há dúvidas de que se encontra na situação comum a todos os migrantes que, mesmo sofrendo as mais fortes e variadas formas de discriminação, realizam 30% do trabalho construtor de riquezas na Europa, índice que deveria garantir-lhes acolhida de honra. Ademais, recentes pesquisas feitas em países da União Européia mostram que os migrantes querem continuar a viver no território "escolhido", pois a memória da vida na terra de origem é negativa.

Quanto aos caboverdianos, cerca de 800 mil vivem fora, ou seja, mais do que a população que permanece no arquipélago, ajudando no desenvolvimento do país, enviando importâncias capitais para construir casas, educar crianças e promover pequenas empresas, tornando a emigração um ponto central na discussão sobre como dirimir a pobreza em Cabo Verde e no mundo.

Voltemos ao conto *Desencanto*, no qual a jovem inominada também cumpre sua jornada trabalhando em variados tipos de emprego, e sofrendo a crise de identidade comum àqueles cuja necessidade econômica deslocou de sua terra.

O processo de globalização traz uma homogeneidade cultural que produz diferentes resultados em termos de identidade: acirramento da resistência e reafirmação de identidades, ou, como no caso da jovem personagem do conto, um distanciamento de identidade relativamente à comunidade e à cultura da qual proveio. Tal situação é agravada pela sua condição de imigrante e mestiça na metrópole de um país europeu.

Essa condição impossibilita que ela pertença a um dos dois mundos. Nas palavras de Stuart Hall (HALL, 2003, p. 8): "Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencem completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma "chegada sempre adiada."

A crise de identidade pela qual passa a jovem mestiça de Cabo Verde em Lisboa não é, portanto, algo que somente ela sinta. A percepção de Orlanda Amarílis,

também ela em situação diaspórica em Portugal, como já foi dito, é a do não-pertencimento que a emigração provoca. Assim, a moça anônima que corre pelos trens e barcos de Lisboa tem um duplo motivo para sentir-se nesse entre-lugar: é imigrante e mestiça.

Ao se ver “excluída” de sua base identitária – mulher, mestiça, caboverdiana –, pela emigração forçada devido às precárias condições das ilhas, adentra um mundo que lhe é hostil. Como argumenta Jonathan Ruthenford (RUTHENFORD, 2000, p. 19), “a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora, a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”.

Como hoje tornou-se impossível ver o indivíduo moderno como um ser unificado, uma vez que as velhas identidades estão em declínio, o que surge em seu lugar é o sujeito fragmentado.

Embora a jovem migrante tenha, no conto de Orlanda Amarílis, uma identidade de origem que a liga aos demais habitantes do arquipélago, não expressa ao seu grupo a solidariedade e fidelidade habitual para quem vive na situação de exílio. Ao contrário, parece comprovar asserções de teóricos como Kenneth Thompson (THOMPSON, 2003, p. 73-74), para os quais surgem hoje as identificações “globais”, provocadas pelas trocas culturais entre as nações e pela distância em que as pessoas se encontram de seu país de origem.

É durante a corrida pelos transportes públicos que a mulher caboverdiana, neste conto, reflete sobre sua condição de migrante. A primeira questão que lhe vem à cabeça é justamente sobre o corre-corre de Lisboa em contraste com a calma de Cabo Verde. Questiona-se ainda sobre uma possível volta: “Voltar pra quê? Para vegetar atrás das persianas da cidade parada e espreitar as mulheres trazendo a água do Madeiral em latas à cabeça ou os homens puxando as zorras com os sacos para a casa Morais?” (Des. p. 58).

Essas considerações a levam a reforçar sua decisão de permanecer em Portugal, descartando a possibilidade de voltar à sua terra de origem. Percebe-se inclusive que a personagem, no confronto entre os dois locais, prefere viver em Lisboa, que considera mais civilizada.

Embora decidida a viver em terras portuguesas, a jovem caboverdiana tem consciência de que não passa de uma migrante mestiça e que, mais do que sua

condição de estrangeira, sua cor aparece como marca indelével a sinalizar sua condição de estrangeira. Vive o mesmo cotidiano apressado e impessoal do habitante da metrópole, mas numa solidão só dela. Vale ressaltar que a permanente solidão das mulheres caboverdianas, migrantes ou não, é uma característica já destacada por Maria Aparecida Santilli nas personagens femininas de Orlanda Amarílis:

Agentes-suplentes de homens-sujeitos ocultos ou esporádicos, as heroínas de Orlanda marcam sua trajetória pelas propriedades da mulher-objeto no contexto de tradição machista onde se definem com situações e experiências caracteristicamente delas, com as marcas históricas ou de natureza que então as distinguem dos homens.

Conforme já dito, a jovem mulata caboverdiana está inserida (na), e aparentemente até adaptada, à impessoalidade e à monotonia da sociedade moderna. No entanto, não está bem estabelecida e acomodada na sua condição de mestiça numa sociedade branca que a rechaça e a considera inferior.

A desigualdade entre os países em todo o mundo, fruto do sistema capitalista, gera um grande contingente de migrantes para atender as demandas diversas nas frentes de trabalho das sociedades economicamente mais avançadas. Mas esse fenômeno da globalização, ao propiciar o encontro dos diversos povos e culturas, ao invés de promover um avanço econômico para aqueles que emigram nessa busca, agrava, ainda mais, os desequilíbrios entre nações diaspóricas (como Cabo Verde) e países receptores, mantendo a já secular divisão entre os cidadãos deles provenientes. Com qualificação profissional de baixa qualidade, conforme já ressaltado, restam aos imigrantes somente trabalho e moradia degradantes.

Sobre a exploração sofrida pelos caboverdianos na diáspora, João Lopes Filho (LOPES FILHO, 2007, p. 46) afirma ainda:

Originários de um país com condições sócio-econômicas inferiores àqueles que os hospedam, regra geral, os caboverdianos estão sujeitos à exploração, às injustiças sociais e a discriminações, apesar de fornecerem ao sistema que os emprega elevadas taxas de mais-valia.

Orlanda Amarílis, mais do que apresentar a mulher caboverdiana na diáspora (por vezes inevitável), traz a discussão da sua condição complexa, ressaltando a caboverdianidade como forma de resistência à assimilação cultural imposta pela metrópole e a conseqüente alienação que a acompanha. Orlanda efetua o resgate da

cultura do arquipélago colocada em risco pelo colonialismo, inicialmente, e pela globalização, nos dias de hoje. E, ao içar a jovem do anonimato, dar-lhe voz (quase murmúrio, um solilóquio, já que a saudação matinal não estabelece relações efetivas com o Outro, pois não lhe ouvimos a voz como resposta), e um olhar crítico para perceber seu isolamento, a autora estabelece caminhos para a busca pela identidade.

A jovem caboverdiana anônima representa aqueles provenientes de países aos quais se impôs a visão do colonizador como superior em oposição à inferioridade do colonizado. Conforme aponta Frantz Fanon (FANON, 1979), o colonizador é considerado como representante do mundo civilizado, e o colonizado como pertencente ao mundo animal, sendo, portanto, concebido como um ser de instintos primários, sem valores nem cultura, voltado a credices e superstições. Sem dúvida, esse é um dos traços mais marcantes da herança do colonialismo, ou seja, a tendência a valorizar o que é estrangeiro.

Assim, ao isolar-se de seus conterrâneos em Lisboa, a jovem personagem referenda a hierarquia cultural por meio da diferença entre o Eu (caboverdiano) e o Outro. Em *Inquietos Olhares*, Jane Tutikian (TUTIKIAN, 1999, p. 103-104) afirma que:

Na obra de Orlanda Amarílis o estrangeiro figura como superior à cultura nacional e sua importação significa, em última análise, esse reconhecimento, uma vez que tal processo configura o próprio espelhamento: olhar o Outro e construir sua imagem significa revelar a imagem que o Mesmo tem de si.

A protagonista é uma figura emblemática da caboverdianidade, conforme ressalta Gabriel Mariano (MARIANO, 1991, p. 67): uma mulata. A chegada dos portugueses no século XV revelou o despovoamento do arquipélago a meio do Atlântico. Sua colonização deu-se, então, a partir do processo implementado pela metrópole, privilegiando a posição geográfica na costa africana e usando as ilhas como entreposto de exportação de escravos, oriundos basicamente do interior da África, para os países do continente americano. Decorre desse fato a mestiçagem de Cabo Verde responsável pela população, língua e cultura crioulas. A formação da híbrida sociedade caboverdiana resultou numa cultura ímpar na África de língua portuguesa, como consequência da mestiçagem. Estabeleceu-se também uma relação diferenciada entre colonizador e colonizado e, a despeito da opressão típica do colonialismo, houve troca entre as duas culturas. A esse respeito, explica Gabriel Mariano:

Em Cabo Verde, depois de uma fase em que os povos em contacto teriam confusamente procurado um motivo de entendimento seguir-se-ia uma outra de harmonização íntima de culturas, propícia ao aparecimento de uma nova sociedade. Para esta sociedade crioula passaram as terras, o comércio e a agricultura; ela apossou-se também do funcionalismo público. De modo que é exacta a afirmação que se refere “à transferência” de poderes a que podemos atribuir igualmente um sentido sociológico cultural, pelo que ela traduz ou sugere de vitalidade dos valores regionais caboverdianos no seu contato permanente com a cultura portuguesa. Já uma vez afirmei que desse corpo a corpo entre a cultura caboverdiana e a portuguesa resulta muitas vezes uma absorção de estilos portugueses, quando não se dá a substituição do português por aquilo que já nitidamente é dinamicamente crioulo.

Mas, em que pese esse tipo diferenciado de relação colonizador/colonizado, face ao que acontecia nas outras colônias de Portugal, o fato é que a metrópole não teve qualquer interesse em investir no arquipélago devido à pobreza do solo, à falta de recursos naturais e à irregularidade das chuvas. Como consequência, a referida tendência à emigração foi acentuada na época colonial. Como contrapartida, a cultura se estabeleceu como maior marca identitária dos habitantes das ilhas. Marca também da obra ficcional de Orlanda Amarílis, dividida entre dois mundos, conforme ressalta Jane Tutikian:

Fundamentalmente um território, uma cultura, um temperamento, são esses os elementos que Orlanda Amarílis trabalha em seus contos, num espaço que transita entre São Vicente e Lisboa. Lá, o chão. Aqui, o exílio. Lá, uma geografia que se divide entre a Terra madrastra, com seu ilhamento, sua seca e sua miséria, e a Terra longe, cheia de promessa, diante de um mar caminho e obstáculo. Um espaço determinante da temporalidade porque a Terra longe é sempre futuro, e o futuro, melhor do que o presente.

Por outro lado, se afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, distinguir o que fica dentro e o que fica fora, a jovem caboverdiana sabe que está fora e que, portanto, estará sempre separada dos portugueses (“eles”), condenada a nunca ser “nós”. Não ser “nós” significa não marcar uma posição-de-sujeito, não pertencer ao mundo daqueles que, tendo uma identidade própria – branca e europeia – detêm o poder.

Ora, fixar identidade é fixar também diferença. E, embora a jovem conheça muitas pessoas – “Mora há tão pouco tempo na linha e já conhece tanta gente” (Des. p.

61) –, não se identifica com ninguém, fato que se evidencia não somente pela já citada ausência de nome, como também pelas pessoas que ela encontra diariamente, apenas referidas pela profissão ou tipo físico.

Pelo roteiro traçado pela protagonista diariamente, Orlanda Amarílis evidencia, e os pensamentos da personagem o confirmam, que a existência do imigrante na diáspora é totalmente indiferente para os naturais da metrópole, circundantes, mas totalmente centrados em si mesmos. Dessa forma, a jovem caboverdiana sente a sua exclusão e o não reconhecimento por seu sacrifício diário, fato que se evidencia ao comparar sua vida e a dos jogadores chamados de heróis pelo jornal que um homem lê no trem: “Fotografias. Ampliações dos heróis da véspera. Não será ela também uma heroína de todos os dias neste ciclo de etapas cronometradas de onde não pode fugir”? (Des. p. 61).

Mais que a percepção de sua situação de excluída da sociedade lisboeta, e também desvalorizada, está a consciência de viver presa a uma engrenagem social que dela necessita, mas que a sufoca, impedindo-a de emergir e situar-se no lugar que veio buscar.

Neste conto, talvez mais que em qualquer outro, Orlanda Amarílis consegue captar a insatisfação de sua personagem, bem como a total ausência de perspectivas, já que tem levado vida de “pau mandado” (Des. p. 59) e, mesmo admitindo uma possível adaptação – “Adaptar-se é modo de dizer” (Des. p. 59) –, declara que nenhum desses trabalhos a satisfaz.

Além da questão da identidade étnico-nacional, Orlanda Amarílis evoca outra questão identitária a partir da protagonista: a de gênero. Se em sociedades receptoras de migração como a lisboeta não é permitido àqueles que ali afluem colocar-se numa posição-de-sujeito, à jovem mulata esse direito é duplamente negado, enquanto imigrante e mulher. Conforme destaca Kathryn Woodward (WOODWARD, 2000, p. 10), “com frequência [...] as identidades nacionais produzidas são masculinas e estão ligadas a concepções de masculinidade. [...] Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência.

Além disso, uma das formas pelas quais as identidades se estabelecem é por meio do apelo a antecedentes históricos. Porém a jovem não demonstra conflitos que evidenciem um estranhamento no viver na metrópole portuguesa. Também não explicita qualquer consciência da questão de gênero, ao contrário, divide-se entre esses

dois mundos, ou seja, Cabo Verde e Portugal. Parece encaixar-se em duas das conseqüências da globalização sobre as identidades culturais no conceito de Stuart Hall (HALL, 2000, p. 103):

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos.

Embora não consiga estabelecer relações pessoais mais profundas e duradouras com os naturais da metrópole, a personagem caboverdiana rejeita os de sua origem. O “local” em que ela se situa a faz almejar o homem branco como um passaporte para ingressar no mundo dos portugueses. Como já citado, o fato de ser mulher, portanto sem uma posição-de-sujeito, a faz projetar nos portugueses, brancos, a possibilidade de aproximação e aceitação daqueles que detêm o poder.

O final do conto nos mostra uma mulher triste que foge dos seus compatriotas como a fugir do estigma da cor. Tenta parecer integrada ao ambiente branco europeu, mas tal não lhe é possível. Acaba, portanto, uma pessoa condenada à solidão: “Oh céus! É uma cigana errante, sem amigos, sem afeições, desgarrada entre tanta cara conhecida. (Des. p. 64).

REFERÊNCIAS

AMARÍLIS, Orlanda. **Cais-do-Sodré té Salamansa**. Coimbra: Centelha, 1974.

_____. **Ilhéu dos Pássaros**. Lisboa: Plátano, 1974.

FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: UFMG/Humanitas, 2003.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz T. (org). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOPES FILHO, João. **Imigrantes em Terra de Emigrantes**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2007.

MARIANO, Gabriel. **Cultura caboverdeana: ensaios**. Lisboa: Veja, 1991, capítulo “O mundo que o mulato criou”.

RUTHENFORD, Jonathan (org). “**Identity: community, culture, difference**”. In: **WOODWARD**, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: **SILVA**, Thomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTILLI, Maria Aparecida. “**As mulheres-sós de Orlanda Amarílis**”. In: Africanidade. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Sônia Maria. “**Experiências femininas no quotidiano crioulo**”. In: Críticas e Ensaio. Publicação da União dos Escritores Angolanos, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da . “**A produção social da identidade e da diferença**”. In: Identidade e Diferença – As perspectivas dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

THOMPSON, Kenneth, “**Social pluralism and post-modernity**”. In: **HALL**, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TUTIKIAN, Jane. **Inquietos Olhares**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.